

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Opinião 54

Data: 02/11/92 Pg.: \_\_\_\_\_

# Dicionário indígena será editado em março

■ Praticamente pronto, o primeiro dicionário da língua iatê só espera recursos do MEC para ser impresso

Cleide Goldino

Deve ser editado até março, o primeiro dicionário brasileiro do idioma iatê, falado pelos índios da tribo Fulniô de Águas Belas, a 310 km do Recife. O volume, com 3.500 verbetes é fruto de 12 anos de trabalho e pesquisa do índio Aluísio Caetano de Sá que, apesar de ter deixado a aldeia há 32 anos, não abandonou os costumes do seu povo. O dicionário ainda não tem um número de páginas definido, mas já está com a revisão da tradução das palavras para o português praticamente concluída.

Inicialmente, o dicionário em iatê teria cinco mil verbetes, mas cerca de duas mil palavras tiveram que ser vetadas por serem consideradas de origem religiosa. "Nossa tribo é muito fechada nesse aspecto", explicou o autor, acrescentando que muitas coisas do idioma e dos costumes dos Fulniô não podem ser revelados aos "brancos". Além da tradução das palavras em iatê ou "yathê" (no original), o dicionário traz a transcrição fonética das palavras (a maneira correta de pronunciar) e a etimologia (origem), incluindo alguns exemplos de frases mostrando como elas podem ser usadas.

Para revisar os trechos do dicionário escrito em português, Aluísio contou com a colaboração da professora Roseli Lacerda, da Secretaria de Educação. Atualmente, a responsável por esse trabalho é a professora Januacele Francisca da Costa, que faz o mestrado em Linguística na UFPE. Já para organizar os verbetes em ordem alfabética e fazer a transcrição fonética, ele teve a orientação da linguista Adair Palaços, do Núcleo de Estudos Indigenistas da UFPE.

A parte mais difícil na elabora-

ção do dicionário, segundo o autor, foi justamente a tradução dos verbetes para o português, além da organização das palavras em ordem alfabética, trabalho que levou cinco anos. Para conseguir escrever o iatê usando o alfabeto, Aluísio teve que se orientar através da gramática do idioma fulniô, escrita em 1968 pelo professor Geraldo Lápenda, catedrático do Instituto de Letras da UFPE.

**Vergonha** — A idéia de fazer um dicionário do iatê surgiu depois que o índio Aluísio Caetano de Sá percebeu que a língua do seu povo poderia ser extinta por falta de uso na própria tribo. Segundo ele, a influência da cidade e o fato das crianças serem alfabetizadas em português (língua dominante) contribuem para que as gerações mais novas evitem falar o iatê. "Os pequeninos entendem tudo, mas não querem praticar a língua por vergonha", explicou o índio. Citando o exemplo dos próprios filhos (ele tem onze), Aluísio disse que só as menores, Suzana, de 10 anos, e Rebeca, de seis, dominam o idioma fulniô.

Não satisfeito em elaborar um dicionário, Aluísio já começou a acumular informações suficientes para produzir uma gramática do idioma iatê. "É uma língua riquíssima e também uma das mais difíceis", comentou o índio, lembrando que das sete tribos existentes em

Pernambuco, os Fulniô são os únicos que conservam seu idioma. **Dinheiro** — Esperando pela liberação de recursos do MEC para viabilizar o projeto feito entre a Secretaria de Educação e a Funai para edição do dicionário indígena, o autor aguarda com ansiedade o dia em que disporá do volume já impresso do único dicionário do gênero no País. Ele atribuiu o atraso do dinheiro à transição recente do Governo, mas continua confiante no apoio estatal.

Enquanto o livro não sai, Aluísio, juntamente com outros representantes indígenas, participam de atividades culturais acadêmicas como o seminário "Os 500 anos de resistência do índio brasileiro", organizado pelo Núcleo de Estudos Indigenistas do Departamento de Letras da UFPE. Na mesa-redonda, além do índio fulniô e da professora Marilena Araújo (índia fulniô autora de uma cartilha em iatê

usada pelas crianças na escola bilingue instalada na aldeia), estava o líder Pankararu, Quitéria Maria de Jesus. O seminário reuniu, ainda, participantes ilustres como as linguistas Lucy Seki, da Universidade de Campinas, SP, Eramos Almeida Magalhães, da USP, escritor Ariano Suassuna e a linguista fundadora do Nei, Adair Pimentel Palaços.

### ORIGEM MOTIVOU O ESTUDO DA ELABORAÇÃO DO DICIONÁRIO

Morando no Recife desde 1960, o índio Aluísio Caetano de Sá, exerce a profissão de barbeiro. Ele começou no ofício aos 11 anos quando ainda morava na tribo, em Águas Belas, a 310 km da Capital. O índio, de 49 anos saiu da aldeia para estudar na Capital, onde também serviu ao Exército e acabou proprietário de uma barbearia no térreo do edifício AIP. Alfabetizado na própria tribo, Aluísio sentiu na pele a difícil adaptação aos costumes e à cultura dos "brancos".

"Na cidade têm-se contato com um mundo novo e a minha vontade nos cinco primeiros anos era só de voltar para casa", lembrou o autor do dicionário em iatê. Mesmo com toda dificuldade em superar o processo de adaptação, o barbeiro fulniô foi ficando, mas sem abrir mão da sua cultura. Visitado constantemente em sua barbearia por um velho tio, Manuel Coutinho, que sempre conversava com ele no idioma fulniô, Aluísio teve a idéia de começar a anotar as palavras em iatê, juntamente com seu significado.

Alguns anos depois, já com um caderno repleto de anotações, o índio procurou o Núcleo de Estu-

dos Indigenistas da UFPE, onde recebeu apoio e orientação da professora Adair Palaços. Aluísio reconhece que a discriminação e o preconceito são outras importantes barreiras a serem vencidas pelas nações indígenas brasileiras em busca de sobrevivência. "Ainda há muito a ser feito para preservação da cultura indígena", admite.

### TRADUÇÃO

Conheça algumas palavras do idioma iatê da forma como elas serão dadas no dicionário indígena. Os verbetes são seguidos da transcrição fonética (modo de pronunciar), etimologia (origem), tradução para o Português e exemplos de frases na língua fulniô.

- Kekya (ke-kyá) adjetivo: velho/Sá he kekya"; Ele é idoso.
- Eifea (eife-ya) adjetivo: oneroso, caro / "Feyatxke eifea": Sapato caro.
- Sadyonkya (sai'djókya) verbo: namorar / "Saidjone thaxkya": eles estão namorando.
- Edyadwa (ekw'kwa) substantivo: Deus / "Edjyadwa he ya uinho": Deus é nosso criador.
- Ekhw'kwa (ekw'kwa) verbo: beber / "Dya kikhw kwase": Eu bebi água.
- Eihayone (eithayone) substantivo: automóvel, carro, veículo.



Aluísio vem participando de vários seminários. Na UFPE, ele disse o que pensa sobre a ocupação da América, principalmente sobre os jesuítas